

O terremoto de Lisboa em duas vozes brasileiras: Vinicius de Moraes e Murilo Mendes

Gilda Santos *

O êxito surpreendente do filme “Vinicius”¹, desde a primeira semana de exibição, em fins de 2005, desencadeou uma onda revitalizadora de que a figura desse artista polifacetado carecia. Na cena cultural brasileira, faltava, sim, reconhecimento mais amplo ao criador originalíssimo que nunca deixou de ser amado por um público fiel, mas que era olhado com certo desdém, por exemplo, pelo mundo acadêmico. Parece que o documentário, a par de outros méritos, serviu para reavivar memórias positivas e propiciar reavaliações conceituais que, enfim, fizeram justiça ao grande “poeta e diplomata”, compositor, dramaturgo, cronista, crítico de cinema, roteirista...

Pois o nosso querido “poetinha” Vinicius de Moraes jamais escondeu seu especial afeto por Portugal, cuja primeira manifestação talvez tenha sido a tese que escreveu em 1930 (onde andaré esse texto?) sobre a vinda de D. João VI para o Brasil, com o objetivo de ingressar no “Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos e Sociais” (CAJU) da Faculdade de Direito da Rua do Catete².

Visitou Portugal várias vezes, apresentando-se em longas temporadas e conquistando enorme grupo de amigos. Prova disso é o disco “Amália/Vinicius”³, gravado em casa da fadista portuguesa, a 19 de dezembro de 1968, sendo “mestre de cerimônia” o escritor David Mourão-Ferreira. Nele, recita poemas, canta (inclusive o seu

* Professora de Literatura Portuguesa nos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Letras / UFRJ. Coordenadora-Geral do PPRLB (Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras).

bem conhecido fado “Saudades do Brasil em Portugal”) e declara infinito amor pela terra e pela gente que o acolheu tão efusivamente, sem deixar de induzir os irmãos-portugueses, nesses tempos ainda salazaristas, a “romperem cadeias” e “serem felizes”. De volta ao Rio, alardeia tal carinho na crônica-louvação “Obrigado, Portugal”, escrita em junho de 1969.

Foi também em 1969, a 15 de outubro, que Vinicius esteve no *Real Gabinete Português de Leitura*, para uma concorrida sessão onde se lançavam três discos: “Antologia da Poesia Portuguesa”, por João Villaret; “Fernando Pessoa”, na voz de Sinde Felipe e “Vinicius de Moraes em Portugal”⁴. Neste, em clima de *pocket-show*, o escritor lê dez poemas, selecionados de vários livros seus, para uma platéia (portuguesa?) receptiva aos versos, ora sérios, ora irônicos, que se vão sucedendo, encadeados pelos comentários do autor. Os autógrafos foram numerosos e Vinicius “tornou-se a principal atracção da solenidade”⁵, segundo testemunha do evento.

Mas nesse ano da graça de 2005, em que, 15 anos passados sobre sua morte, eclodiu um *boom* de celebrações em torno de Vinicius de Moraes, também se rememoraram, em vários quadrantes e com ênfase, os 250 anos do trágico terremoto que destróçou Lisboa, efeméride desencadeadora de sua divertida crônica “O Grande Terremoto de Lisboa de 1969, segundo O.L.R”, abaixo transcrita⁶.

E a menção a uma voz brasileira que focaliza “O Terramoto” traz à tona outra, não menos importante: a de Murilo Mendes – de quem Vinicius se diz profundo admirador, elegendo-o como verdadeiro mestre (veja-se o artigo “Encontros”, publicado no *Correio da Manhã*, nos idos de 1940). Aliás, 2005 marca também os 20 anos do falecimento de Murilo.

Está datado de 1970 o livro muriliano *Janelas Verdes*⁷, construído de modo bastante fragmentário com impressões e considerações resultantes de sucessivas visitas a Portugal. Na primeira parte, os fragmentos são nomeados “geograficamente”, listando localidades, de norte a sul do país, a partir das quais gravita o discurso. Na segunda, os títulos são nomes emblemáticos da cultura portuguesa, de Nuno Gonçalves e Gil Vicente a expoentes do século

XX, como Fernando Pessoa ou Vieira da Silva. Nesse recorte de terras e gentes, percebe-se o apurado gosto de alguém que compõe, com objetos/afetos lusos, o seu particular museu-texto, embora o título, declara-o Murilo em nota final, não seja uma alusão direta ao Museu de Arte Antiga de Lisboa, conhecido exatamente como das “Janelas Verdes”, por se localizar na rua do mesmo nome, mas “refere-se a espaços abertos, à liberdade; ao campo e mar de Portugal, ao verde que ali nos envolve sempre”.

Encerra a primeira parte do livro *Janelas Verdes* a seqüência de fragmentos dedicados a Lisboa, e, dentre eles, os que refletem sobre a catástrofe de 1755. São os trechos abaixo transcritos, que, junto com a referida crônica de Vinicius, fazem ecoar numa literatura brasileira do século XX – e de modo bastante original – o sismo lisboeta.



Vinicius de Moraes no Real Gabinete

O grande terremoto de Lisboa de 1969 segundo O.L.R.⁸

Vinicius de Moraes

Nunca se vira manhã mais bela do que a de 1º de novembro de 1755. O Sol brilhava em todo seu esplendor, e o céu estava perfeitamente sereno e claro. Não fora sentido o menor sinal de aviso do grande evento que deveria transformar, em matéria de segundos, a cidade de Lisboa numa cena de horror e desolação gerais.

Traduzo de cor, com pequenos lapsos de memória, do velho livro de textos ingleses que o velho padre, à base do *decorebus*, nos fazia ruminar nas tediosas aulas do colégio. A descrição convencional não deixava, no entanto, de excitar minha imaginação de menino, e a verdade é que alguns trechos nunca mais me saíram da minha cabeça. Mal sabia eu que dois séculos mais tarde deveria estar presente, no mesmo local, a um de igual intensidade, e que só não arrasou Lisboa porque teve seu epicentro no oceano, a cento e tantas milhas ao largo; e mesmo assim a teria destruído parcialmente se o deus dos sismos não cismasse, sem intenção de trocadilho, em fazer dele um terremoto *horizontal*. Porque, dizem os entendidos, fosse ele *vertical*, e talvez eu não estivesse aqui para contar a história. Ou melhor: talvez não estivesse ainda por lá, vivo e cada dia mais inteligente, meu amigo O.L.R., a quem passo a palavra, pois assim descreveu-me ele sua dramática experiência, *ipsis verbis*.

O.L.R., como todo bom mineiro que se preza é chegado ao Além, a casos parapsicológicos, a um bom defuntinho. Fala da morte como se tivesse a Dama Branca sentada ao colo, com um humor macabro que é dos pontos altos do seu charme de grande *causeur*; mas para quem o conhece, não passa de um processo de autopunição, por isso que representa, no fundo, o riso amarelo dos condenados. Mas deixemos para lá os problemas psíquicos de meu querido O.L.R., para acompanhá-lo passo a passo nesse seu confronto não com o Além, mas o infranatural colocado ao nível do sobrenatural – porque os momentos que precedem um terremoto tiram *de letra* quaisquer fenômenos de ordem espírita, tais como arrastar de correntes, bater

de portas e aparição de ectoplasmas, nisso que se exercem sem razão óbvia diante dos olhos do infeliz totalmente desprevenido, a pensar na futura alunissagem da Apolo-11 ou na galinha ao molho pardo comida na véspera. Tal como aconteceu com O.L.R.

Era o dia 27 de fevereiro último, e a madrugada caminhava a passos lentos para mais uma jornada lisboeta, quando meu amigo O.L.R., já se preparando para puxar um sono, viu a porta do armário do quarto abrir-se de moto próprio e o chinó de sua mulher deslizar de uma prateleira no alto e cair fofamente, como devem as perucas. Aquilo, sem que ele soubesse bem por que, inquietou-o, e ele se levantou e, para disfarçar, foi – hábito antigo – à cozinha, coar um café, arte em que é exímio. Ao passar pela geladeira, abriu-a num gesto comum a todos os noctâmbulos domésticos, e eis senão quando as garrafas em entrechoque se põem a tilintar em uníssonos, alertando-o ainda mais contra a possível incursão do sobrenatural nos seus domínios. O medo ao além-túmulo pressupõe quase sempre um alerta premonitório, e meu amigo O.L.R., já sentindo se lhe eriçarem os pelinhos do braço, partiu para fazer o seu café, pois, como é sabido, o trabalho é boa terapêutica para as perturbações da *cuca*. Café feito e tomado, foi ele até a sala olhar o céu, provável culpado de todo este cafarnaum, e ao encostar a testa ao vidro da janela, sentiu-o vibrar de um tremor contínuo. “Uai...”, comentou dentro dele o mineirão de Juiz de Fora. Positivamente as coisas naquela noite não estavam se processando como de comum. Passagem de um jato não podia ser, dado que a vibração não fora precedida de qualquer ruído; de maneira que o melhor mesmo era desligar aquilo e ir até o escritório mexer nuns papéis. Porque meu amigo O.L.R. é escritor, e dos melhores.

Contou-me ele que mal se sentou o cinzeiro começou a tremer e a escorregar com a maior sem-cerimônia, diante de seus olhos. “É, seu...”, comentou novamente o matuto que há em todo mineiro. “Deixa eu ir pra cama porque eu não sei o que é, não, mas, que tem qualquer coisa aí, ah, isso tem...”

E como tinha! De repente a massa ígnea sobre a qual, protegidos apenas por uma frágil crosta, nós vivemos nossas neuroses de cada dia, encontrou um ponto de menor resistência, forçou-o um pouco, depois mais, e logo entrou de sola até rompê-lo em mil estilhaços subterrâneos... – e partiu para cima com o impacto de mil

bombas H, sacudindo tudo em seu caminho, do Algarve em diante. Aí meu amigo O.L.R., que de bobo não tem nada, sentou-se na cama e com esse senso comum *pessedista* de que todo bom mineiro é dotado, sacudiu também sua mulher e disse: “Acorda, Helena! Acorda que é um terremoto!”

Outra coisa não era. Era não só um terremoto como um dos de maior intensidade já registrados pelos sismógrafos. Com a única atenuante, conforme disse, de ter um balanço horizontal, digamos como o dos quadris de uma mulata sambando. Pulasse ele como os carnavalescos no auge do baile do Municipal, isto é, verticalmente, e seria uma repetição do de Agadir, ou da própria Lisboa em 1755, que não deixou pedra sobre pedra. Mas O.L.R. tem uma ótima estrela, muito embora os momentos que se seguiram fossem do maior pânico... Pois as luzes se apagaram bruscamente e em meio às exclamações de pavor de sua mulher – imaginem! acordada dos seus doces sonhos de esposa mineira para a terrível realidade de sismo lusitano – meu amigo O.L.R. lembrou-se de sua filhinha de oito meses. Helena Cristina, mais conhecida como Maria-Pão-de-Queijo, apelido que ganhou dessa bela e boa Geralda, empregada antiga da casa – e isso por um processo associativo que não cabe aprofundar aqui. Meu amigo O.L.R. partiu às cegas para o quarto da infanta, a quem se pôs a procurar em trevas totais, enquanto os demais participantes manifestavam seu terror e consternação em interjeições do maior patético. Até que a menininha foi achada no berço e devidamente protegida pelos braços amorosos de seu pai, ao mesmo tempo que aquela tralha toda tremia e ondulava mais que bailarina de fundo em programa do Chacrinha.

É, queridos leitores, terremoto não é de brincadeira. A gente pode chegar ao ponto de aceitar tudo: dinheiro curto, pai quadrado, bêbado chato, trânsito engarrafado, mulher feia, música da pilantragem, hérnia de disco, dupla caipira, novela de televisão, dieta macrobiótica, poesia concretista, romance de Morris West, trote telefônico, papo de grã-fino, uísque nacional – praticamente tudo.

Menos terremoto. Que o diga meu amigo O.L.R., cujo nome começa onde o outro termina. E como este, é capaz de levantar montanhas. Só que por bem. Pelos amigos.

E volte logo, Lara Resende!

Rio, 22-23.6.1969

Lisboa e o terremoto ⁹*Murilo Mendes*

Ninguém ignora que Lisboa tem sido, no correr dos séculos, teatro de vários terremotos. Terremoto (ou terramoto), palavra que treme, figura plasticamente o desastre. O terremoto de 1755 consumira muitas vidas humanas, os paços reais, consideráveis coleções de arte, edifícios característicos, emocionara a Europa, provocando a Voltaire um poema destinado a tirar deste fato um argumento contra a Providência divina (o que não acho, aliás, injusto; o tráfego das grandes cidades modernas podendo servir de prova contra a mesma). Lisboa chorava bíblicamente sobre o próprio corpo, vendo-se duas vezes ao miroar – conforme diz Virgílio de Helena – isto é, raptada pelos homens e consumida pelo tempo; eu acrescentaria: terremotada.

Sim, até hoje, quando revisito Lisboa, não consigo abolir a idéia do terremoto. Observo Lisboa parcial, procuro em vão reconstituir os textos plásticos afundados no vazio: o terremoto obseda-me, aterroriza-me, retrospectiva e atualmente; receio que súbito a terra se dissolva sob meus pés e sob os pés dos outros passantes, efêmeros, que nem eu. Prefiro a palavra terremoto à outra, de caráter científico, sismo: não só pelo motivo antes mencionado, mas ainda porque a palavra sismo tem o mesmo valor fônico da palavra cismo; ora, quem poderia cismar durante um terremoto?

O terremoto. Revolucionando as leis físicas, direi que seu epicentro acha-se em toda parte, inclusive em mim mesmo; coisa não absurda! tanto assim que Raul Brandão escreveu: “Todo o dia descubro em mim um subterrâneo mais profundo.” O terremoto. Aproxima-se o século XXI. O terremoto. Viver é extremamente perigoso. Desde a Bíblia que o sabíamos; Nietzsche, Michel Leiris e Guimarães Rosa o confirmam.

Suportando o impulso do vento diário de Lisboa, observo “a dupla correnteza augusta das fachadas” e o desfilar das lisboninas de vozes ridentes; a ventania as empurra para diante e para trás, alterando-lhes a linha da toaleta; presumo a subversão dos meus sentidos; acode-

me Quevedo: “*Las, Dios nos libre, faldas levantadas.*” Penso agora num outro terremoto que poderá, deverá mesmo vir. Abalará as consciências estáticas, varrerá tradições superadas, cancelará a glória de mandar, a vã cobiça, essa austera, apagada e vil tristeza, os restos do ouro injusto acumulado, abrindo uma nova época onde, repartido o pão entre todos, a fome e sede de justiça (físico-espiritual) será enfim satisfeita. O terremoto.

Notas

¹ De Miguel Faria Jr., produção de Suzana de Moraes.

² Informação de sua irmã, Laetitia Cruz de Moraes. In: MORAES, Vinicius de. *Poesia Completa e Prosa*. Rio: Nova Aguilar, 2004. p. 43-4.

³ Em CD (áudio): Portugal, Valentim de Carvalho, 2001.

⁴ Ver site www.viniciusdemoraes.com.br.

⁵ Fundamentos e actualidade do Real Gabinete Português de Leitura. Rio: RGPL, 1977 p. 170-1.

⁶ Por especial deferência dos herdeiros e VM Cultural, a quem agradecemos.

⁷ Vila Nova de Famalicão, Ed. Quasi, 2003.

⁸ MORAES, Vinicius de. *Poesia Completa e Prosa*. Rio: Nova Aguilar, 2004. p. 837-9.

⁹ MENDES, Murilo. *Janelas Verdes*. Vila Nova de Famalicão: Ed. Quasi, 2003 p. 118-9.

Resumo

A partir de algumas conhecidas relações de Vinicius de Moraes com Portugal, destaca-se sua presença no Real Gabinete e sua divertida crônica sobre um terremoto em Lisboa. O tema do terremoto evoca também outra voz brasileira: a de Murilo Mendes, que, no seu livro *Janelas Verdes*, dedica algumas páginas à Lisboa ainda afetada pelos efeitos da catástrofe de 1755.

Palavras-chave: Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, terremoto na Literatura Brasileira

Abstract

To start from some known relationship by Vinicius de Moraes with Portugal, puts in relief his presence on the Real Gabinete and his funny chronicle about Lisboa's earth-quake. The earth-quake theme evokes another brazilian voice: from Murilo Mendes, who in his book *Janelas Verdes*, dedicates some pages to Lisboa still affected by the effects of the 1755's catastrophe.

Key-words: Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, earth-quake in the brazilian literature